



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

MARIA CECILIA GUERRA CAL

**“TRAÇANDO PROPÓSITOS: ESTUDO ICONOGRÁFICO DE GRAFISMOS  
PRODUZIDOS PELOS INDÍGENAS KAYAPÓ-XIKRIN EM SUAS PINTURAS  
CORPORAIS”**

**RECIFE  
2025**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE ARTES  
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

**MARIA CECILIA GUERRA CAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso  
de graduação Licenciatura em Artes Visuais  
da Universidade Federal de Pernambuco como requisito  
parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Joana D'Arc Lima

**RECIFE  
2025**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Guerra Cal , Maria Cecilia.

Traçando propósitos: Estudo iconográfico de grafismos produzidos pelos indígenas Kayapó-Xikrin em suas pinturas corporais. / Maria Cecilia Guerra Cal .  
- Recife, 2025.

53 p. : il.

Orientador(a): Joana D'Arc Lima

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2025.  
Inclui referências.

1. Kayapó-Xikrin. 2. Grafismo. 3. Pintura corporal. I. D'Arc Lima, Joana. (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

# **“TRAÇANDO PROPÓSITOS: ESTUDO ICONOGRÁFICO DE GRAFISMOS PRODUZIDOS PELOS INDÍGENAS KAYAPÓ-XIKRIN”**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Artes Visuais.

Aprovado em: 16/04/2025

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Dra. Joana D’Arc Lima (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profª. Dra. Jéssica Tardivo (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profª. Dra. Maria Betânia e Silva (Examinadora Interna)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

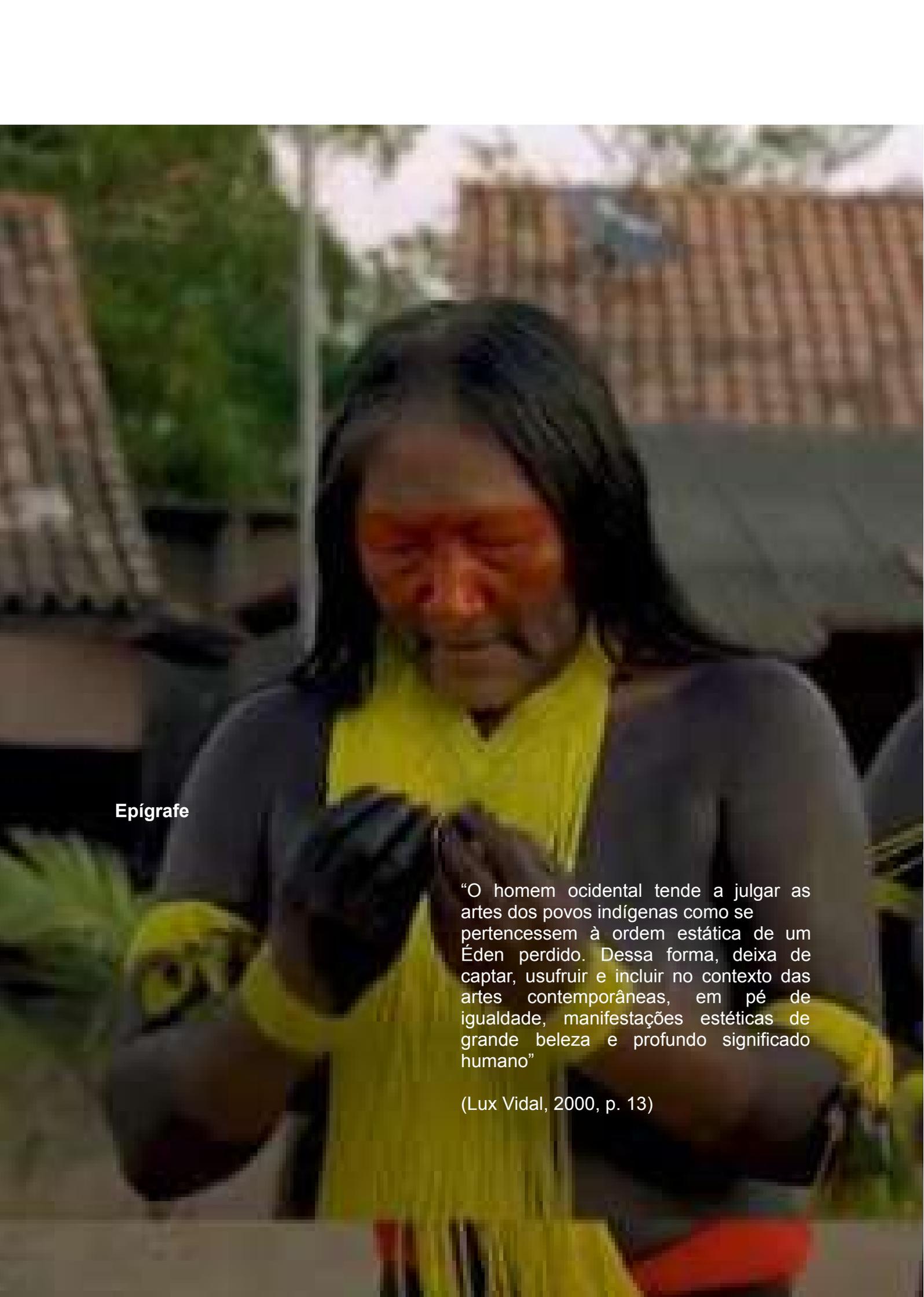
Manoel Roberto dos Santos Pinto Júnior (Examinador Externo)  
Mestre em pintura pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

### **Dedicatória**

Dedico este trabalho a quem compartilha comigo a nacionalidade brasileira, para que possamos, ao resgatar e nos (re)vincular com nossas raízes, através dos conhecimentos sobre os povos originários e suas manifestações artísticas, criar mais consciência, respeito e admiração pelas diversas identidades que formam este país plural, e que através do culto a arte e a Terra, mantém saberes ancestrais vivos e pulsantes na construção de um mundo mais sustentável.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Universidade Federal de Pernambuco, em específico ao Centro de Artes e Comunicação e ao Centro de Estudos, por terem me proporcionado imensos aprendizados nestes anos de graduação no curso de Licenciatura em Artes Visuais. Estes saberes que se colocam em desenvolvimento através de mim vão para muito além do âmbito acadêmico e profissional, edificando estruturas pessoais muito importantes para minha vida. À todos os docentes com quem tive a oportunidade de aprender, manifesto minha profunda e eterna gratidão. Muitas dessas pessoas se tornaram magníficos exemplos para mim, como seres humanos, docentes, artistas e amigos. Através do espaço compartilhado do campus, pude trocar experiências com os mais diversos indivíduos possíveis, e a cada um desses também sou grata, sendo eles pontos importantes desta trama. Faz-se necessário prestar reconhecimento a Vida, que através desta manifesto minha existência e construo meu ser, multiplicando e gerando saberes que possam colaborar com a formação de uma realidade mais harmônica e justa. Agradeço imensamente aos povos originários, aos indígenas, em específico à etnia Kayapó e ao povo Xikrin, alvo de estudo deste trabalho, que com através do zelo à Terra, à suas culturas e a arte, despertam em mim a vontade de continuar caminhando na força e na busca desses saberes ancestrais.

A woman with long, dark, braided hair is shown from the chest up. She is wearing a grey long-sleeved top and a vibrant yellow fringed scarf. She is holding a large, dark, textured object, possibly a piece of art or a traditional artifact, in front of her. The background is slightly blurred, showing a wooden fence and some greenery.

## Epígrafe

“O homem ocidental tende a julgar as artes dos povos indígenas como se pertencessem à ordem estática de um Éden perdido. Dessa forma, deixa de captar, usufruir e incluir no contexto das artes contemporâneas, em pé de igualdade, manifestações estéticas de grande beleza e profundo significado humano”

(Lux Vidal, 2000, p. 13)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo iconográfico e social de grafismos presentes nas pinturas corporais produzidas pelos indígenas Kayapó-Xikrin, por meio de uma pesquisa bibliográfica, cartográfica, documental e histórica. Inclui identificar o que são grafismos e ressaltar a sua relevância no âmbito da comunicação dos seres humanos ao longo da história, investigar a produção de grafismos especificamente entre povos indígenas, promover um olhar atento às produções de artes gráficas, principalmente em pinturas corporais do povo Xikrin, que faz parte da etnia Kayapó, localizados ao norte do país, no estado do Pará, na região Amazônica. Com efeito, desenvolvem-se os saberes de quem é esse grupo, que se destaca nacionalmente como um dos que mais mantém viva a tradição ancestral da cultura de produzir grafismos, com suas pinturas corporais repletas de motivos e tipos, carregados de uma incrível estética, signos e significados de muita importância para quem vive essa realidade, e sendo fonte de muito aprendizado e inspiração a quem observa de fora desse contexto. Ademais, investiga-se os métodos de produção deste rico acervo iconográfico, e os materiais naturais utilizados como recursos de desenvolvimento das pinturas. Com isso, é feita uma relação de relevância entre artes visuais e meio ambiente, no que diz respeito a enfatizar, admirar e produzir arte através de modos de criação sustentáveis.

**Palavras-chave:** Kayapó-Xikrin; grafismo; pintura corporal.

## **ABSTRACT**

This work aims to conduct an iconographic and social study of graphics present in body paintings produced by the Kayapó-Xikrin indigenous people, through bibliographic, cartographic, documentary and historical research. It includes identifying what graphics are and highlighting their relevance in the context of human communication throughout history, investigating the production of graphics specifically among indigenous peoples, promoting a close look at the production of graphic arts, mainly in body paintings, of the Xikrin people, who are part of the Kayapó ethnic group, located in the north of the country, in the state of Pará, in the Amazon region. From this, the knowledge of who this group is, which stands out nationally as one of those that most keeps alive the ancestral tradition of the culture of producing graphics, with their body paintings full of motifs and types, loaded with an incredible aesthetic, signs and meanings of great importance to those who live this reality, and a source of much learning and inspiration to those who observe from outside this context. Furthermore, the production methods of this rich iconographic collection and the natural materials used as resources for the development of the paintings are investigated. This establishes a relevant relationship between visual arts and the environment, with regard to emphasizing, admiring and producing art through sustainable methods of creation.

**Keywords:** Kayapó-Xikrin; graphics; body painting.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	<b>10</b>
<b>2. Grafismos.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Comunicação ancestral.....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Grafismos indígenas.....</b>	<b>21</b>
<b>3. Kayapó-Xikrin.....</b>	<b>24</b>
<b>3.1 Produção de artes gráficas e pintura corporal.....</b>	<b>28</b>
<b>3.3 Motivos e Tipos.....</b>	<b>35</b>
<b>3.4 Materiais e produção.....</b>	<b>36</b>
<b>4. Considerações finais.....</b>	<b>49</b>
<b>5. Referências bibliográficas.....</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

O presente estudo parte de uma pulsante motivação pessoal em reconhecer, cada vez mais, a importância da preservação e propagação das culturas de povos originários do Brasil. Desenvolvem-se os conhecimentos através de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, realizada em textos impressos e arquivos digitais. Inserido nesse contexto, está uma imensa admiração às produções artísticas dos diversos povos indígenas, principalmente quando abordamos sobre pinturas e estas em adornos corporais, que se mostram para muito além de algo puramente estético, sendo, na maioria dos casos, uma forma importante de comunicação, por vezes mais semelhante a escrita do que ao que consideramos um trabalho artístico, como diz Vidal (1992).

Algo que se relaciona a isso e sempre me intrigou, é a forma que o ser humano se utiliza de desenhos e pinturas, nas mais variadas superfícies, para se expressar. Desde o momento em que foi denominado por “pré-história”, com as pinturas rupestres, diferentes épocas e lugares geológicos apresentam essas criações iconográficas, muitas vezes, inclusive, algumas quase que em tempos simultâneos porém em locais distintos, conforme Guidon e Pessis (1992) e quando observamos isso nesse contexto ancestral, é de se encantar com tal fenômeno da natureza. Em alguns momentos, essas imagens aparecem com propósitos mais delimitados do que em outros, mas, em todas elas, o fator em comum que está sempre presente é a necessidade de expressão.

Podemos chamar de grafismos, objeto de estudo do presente trabalho, imagens produzidas com base em elementos gráficos como linhas, pontos, curvas, por exemplo. No que diz respeito às manifestações gráficas citadas anteriormente, do “homem pré-histórico”, estas são, em grande maioria, consideradas grafismos, por, além de se utilizarem destes recursos gráficos, não exprimiam uma imagem figurativa, de acordo com Guidon e Pessis (1992).

Acredita-se que essas primeiras grafias produzidas por seres humanos, tinham um cunho muito mais mágico-religioso, ritualístico, do que de representação fiel da realidade. Com o passar do tempo, o descobrimento de si mesmo, domínio de recursos e organizações sociais, as formas de expressão do ser humano foram se desenvolvendo, em cada espaço e tempo, à sua maneira. Sendo assim, determinados grupos humanos passaram a criar linguagens e códigos próprios ao seu contexto, exprimindo seus específicos valores, hierarquias, ritos de passagem, enfim, suas cosmovisões. Estas imagens vão se consolidando como parte do repertório sociocultural de cada estrutura social específica, assumindo funções, comunicando e recebendo suas devidas importâncias em cada contexto.

A escolha por estudar estes grafismos, que compõem importantes objetos de diálogo, nas produções dos Xikrin (povo da etnia Kayapó, mais especificamente os que estão localizados pelas margens do rio Cateté, ao sul do estado do Pará) se dá

pelo fato que esse povo é referência, segundo Vidal (1992) quando abordamos sobre os grupos originários do Brasil que mais mantêm a tradição cultural de produzir grafismos, repletos de significados, e estes expressados em pinturas corporais. Nota-se que para os Xikrin, produzir e se adornar com os grafismos, faz parte de um sistema social muito bem estruturado e complexo, sendo explicitadas, através das imagens, mensagens sobre diferentes momentos que compõem a vida em conjunto no contexto em que compartilham. Existem grafismos específicos a serem impressos na pintura corporal de cada pessoa, que se distinguem em diferentes categorias como faixa etária, gênero, rituais específicos da aldeia, momentos de resguardo, luto, e outros.

É daqui que parte o título do presente trabalho: “Traçando propósitos: estudo iconográfico de grafismos produzidos pelos indígenas Kayapó-Xikrin em suas pinturas corporais”, sendo o termo “traçar” uma referência direta ao grafismo, composto por elementos gráficos como o traço, e o termo “propósito” no intuito de reafirmar o desígnio que estes referidos elementos iconográficos têm em representar uma finalidade comunicativa específica. Não menos importante, para além do meu encantamento com essas magníficas produções imagéticas e seus signos, está a valorização de recursos naturais utilizados como ferramentas artísticas. A maneira como os indígenas Xikrin fazem a extração de recursos naturais para utilizar como pigmentos, pincéis, carimbos e outros, é alvo de um curioso estudo, também abordado neste trabalho, garantindo, de forma integrada, uma observação atenta ao que toca à forma harmônica de nos relacionarmos com o meio ambiente, os ecossistemas, a natureza de forma geral, com um olhar mais sustentável e respeitoso ao planeta, através das artes visuais.

Nota-se que atualmente tem ocorrido diversos movimentos de empoderamento das causas dos povos originários, ao mesmo tempo em que os indígenas têm recebido falta de cumprimento de seus direitos e de sua preservação territorial e social. Abordar a arte indígena, a criação de grafismos e pinturas corporais, principalmente no âmbito acadêmico, que ao meu ver ainda carece de currículos sobre a temática em questão, é uma atitude também político-social, em defesa da noção de origem da nossa nação, respeito aos povos originários e seus conhecimentos ancestrais que são de extrema importância no que toca o fator de preservação e reconhecimento das manifestações artísticas originárias do país, justiça ao meio ambiente e a vida, à favor de todos.

Tudo isso é abordado no conjunto do desenvolvimento deste estudo, com o eixo central sendo observado através do viés das artes visuais e da criação artística, a partir de um olhar atento às produções de grafismos e pinturas corporais do Kayapó-Xikrin.

Imagem 1: Grafismo Kayapó feito em tecido com tinta de jenipapo.

# GRAFISMOS



Fonte: Renato Soares.. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/422281201750167/>. Acesso em: 16 abr. 2025.

## COMUNICAÇÃO ANCESTRAL

**Imagem 2:** Pinturas rupestres de tradição do agreste encontradas no Sítio Arqueológico Casa de Farinha.



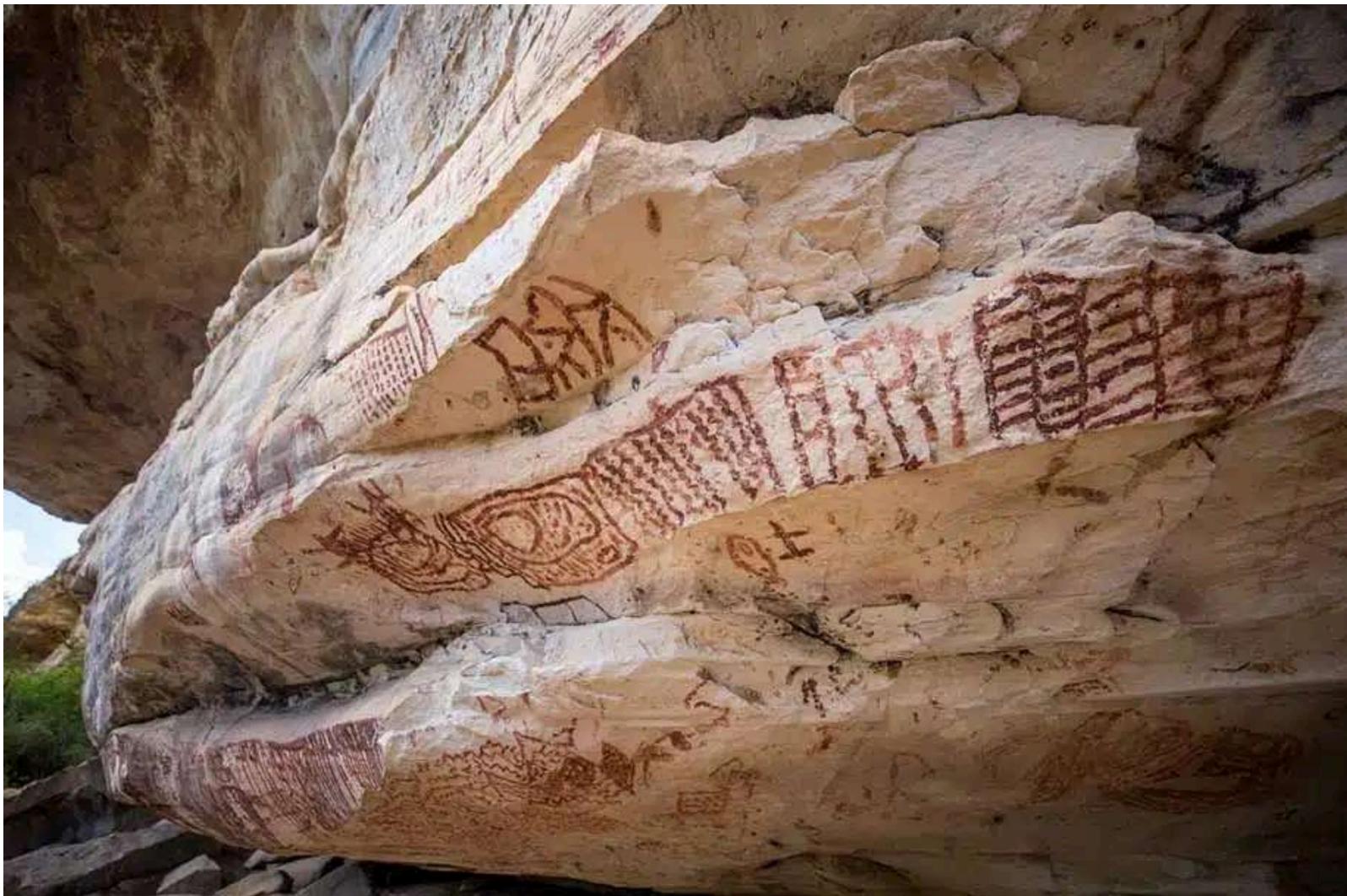
Fonte: Lucas Santos/Viva Agreste. Disponível em: <https://vivaagreste.com.br/cultura/turismo/vale-do-catimbau/> . Acesso em 20 jan. 2025

Os grafismos são uma das mais antigas formas de expressão visual dos seres humanos, podendo ser definido como a criação de imagens e padrões a partir de elementos gráficos como linhas, pontos, cores, formas geométricas, entre outros. Eles podem ser feitos, no geral, de maneira figurativa ou abstrata, com intuito, basicamente, de comunicar mensagens ou ornamentar. Com raízes profundas na humanidade, desde a chamada “pré história”, e em diversos continentes praticamente de maneira simultânea, registros de cerca de 30 mil anos atrás mostram o que provavelmente marca o início dessa comunicação visual artística que transcende as palavras e transmite cosmovisões, emoções, conceitos e vivências.

Apenas recentemente a pintura, a arte gráfica e os ornamentos do corpo passaram a ser considerados como material visual que exprime a concepção tribal de pessoa humana, a categorização social e material e outras mensagens referentes à ordem cósmica. Em resumo, manifestações simbólicas e estéticas centrais para a compreensão da vida em sociedade (Vidal, 1992).

O processamento estatístico de numerosos registros, permitiu desvendar pouco a pouco o significado geral do que eles podem vir a representar, segundo Vidal (1992). As pinturas pioneiras conhecidas, comumente, não representam uma caçada ou uma cena familiar, como observado em manifestações posteriores, mas são blocos de construção gráfica sem nenhuma descrição exata associada de início.

**Imagem 3:** Pintura rupestre no Vale do Catimbau.



Fonte: 360meridianos. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/vale-do-catimbau-pinturas-rupestres> . Acesso em: 20 jan. 2025

Um exemplo da produção de grafismos ancestrais é a Pedra do Ingá, monumento arqueológico em formação rochosa, com inscrição de grafias rupestres, localizado no município de Ingá, Paraíba. O tal patrimônio, que está em sítio

arqueológico, possui cerca de 250m<sup>2</sup> de área, sendo a distância vertical de 50m, e altura de 30m, e é referência nacional quando abordamos sobre a criação de grafismos ancestrais e seus registros históricos. Nas áreas adjacentes ao monumento também pode-se observar diversos outros suportes marcados com artes gráficas. A pedra do Ingá pode receber o nome de *Itacoatiara*, que vem da língua Tupi: *itá* (“pedra”) e *kûatiara* (“riscada ou pintada”).

**Imagem 4:** Itacoatiara Pedra do Ingá.



Fonte: Ensinar Historia. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/pre-historia-parte-3-serido-e-inga/> . Acesso em: 20 jan. 2025

Imagem 5: Itacoatiara Pedra do Ingá.



Fonte: [avs@hotmail.com](mailto:avs@hotmail.com).

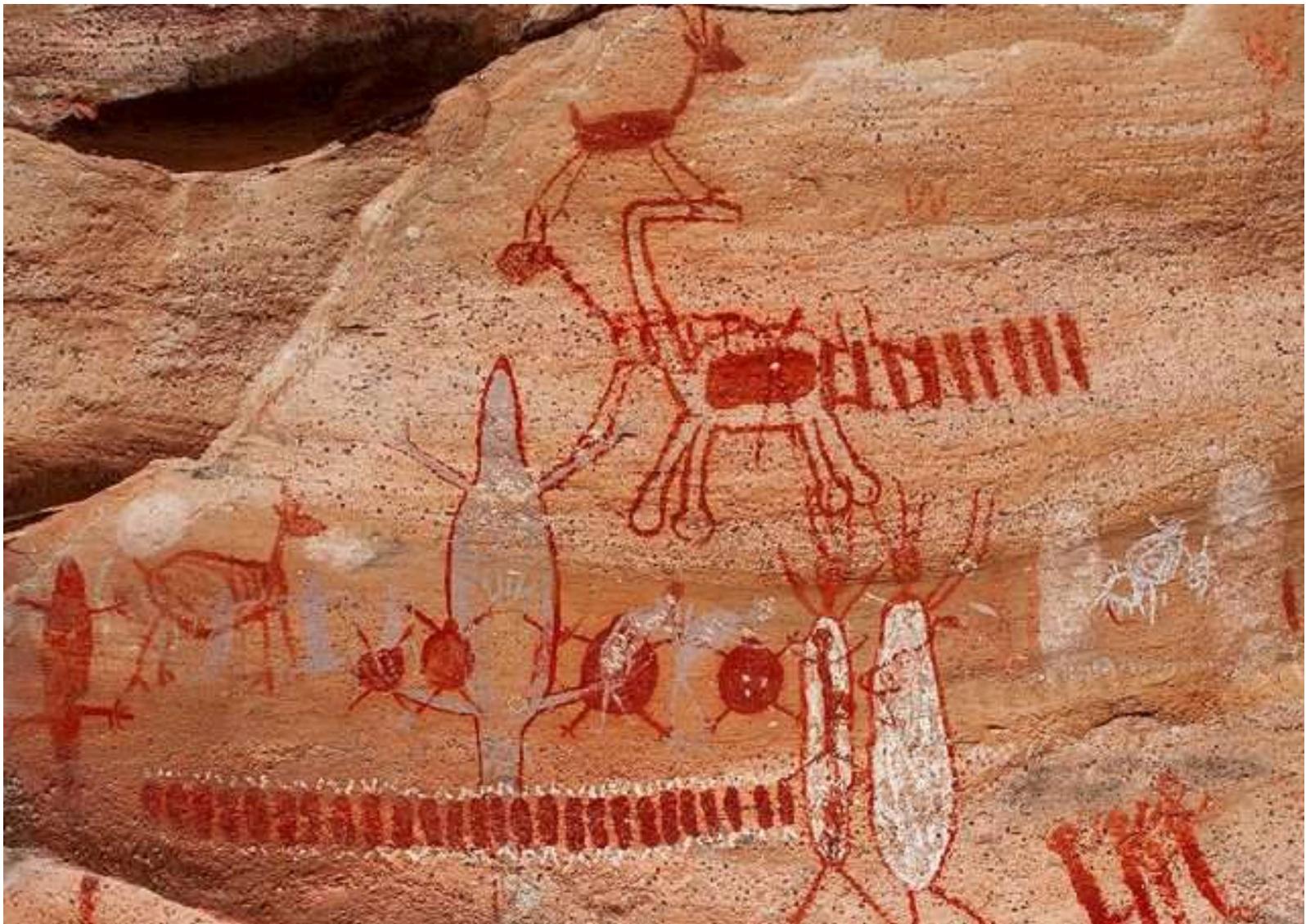
Disponível

em:

<https://tokdehistoria.com.br/2014/02/08/pedra-do-inga-intrigante-e-maravilhosa/> . Acesso em: 20 jan. 2025

É importante destacar também, no que diz respeito à produção e preservação de grafismos ancestrais, no contexto nacional, o acervo de pinturas presentes no Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado entre os municípios de São Raimundo Nonato, João Costa, Brejo do Piauí e Coronel José Dias, ambos no Piauí, e o Parque Nacional do Vale do Catimbau, na cidade de Buíque, em Pernambuco.

**Imagem 6:** Grafismos rupestres na Serra da Capivara.



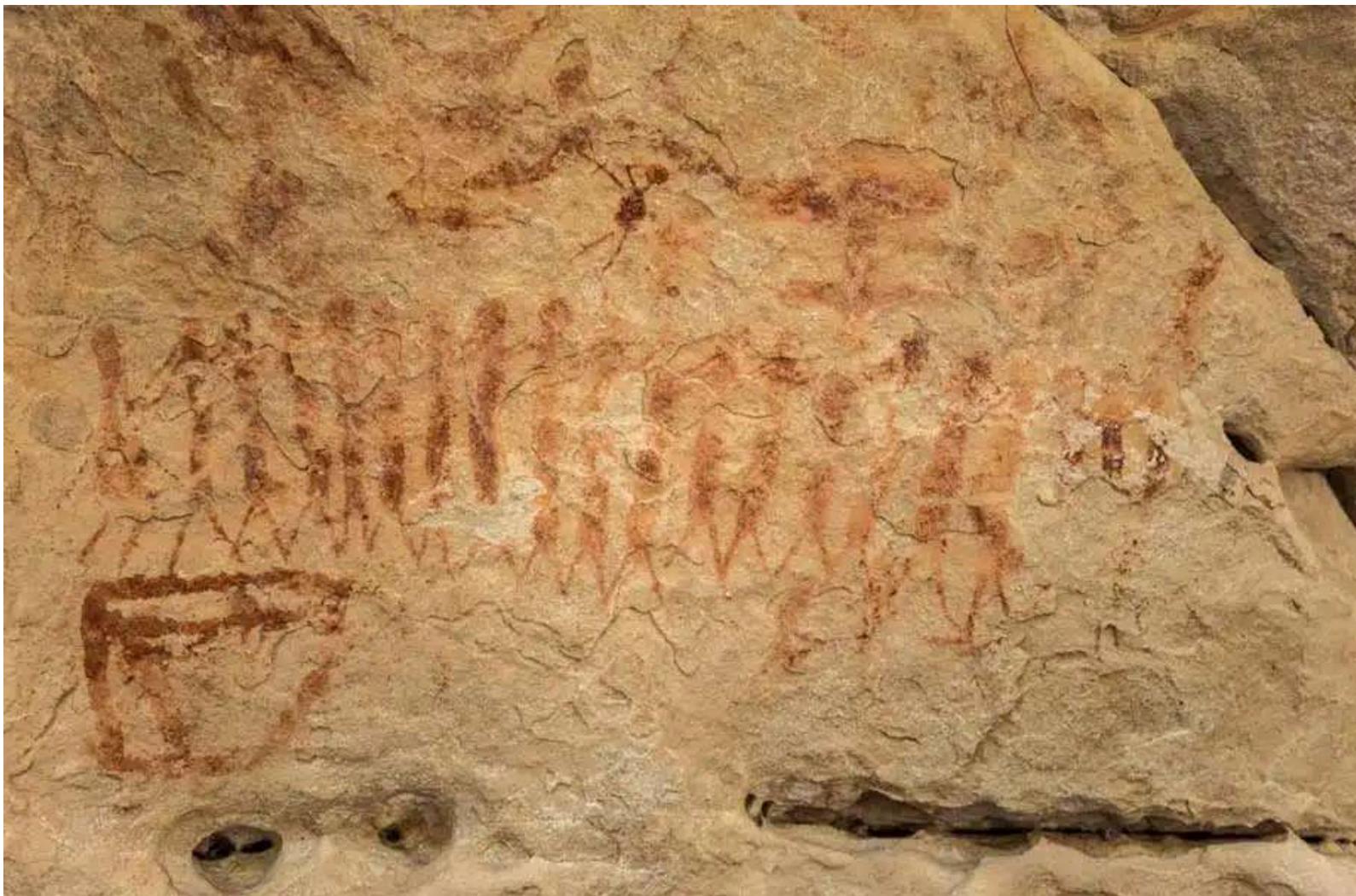
Fonte: Blog Eoadventure. Disponível em: <https://blog.ecoadventure.tur.br/roteiro-na-serra-da-capivara/>. Acesso em: 20 jan. 2025

**Imagem 7:** Pintura rupestre do Sítio Arqueológico Loca das Cinzas no Vale do Catimbau.



Fonte: Lucas Santos/Viva Agreste. Disponível em: <https://vivaagreste.com.br/cultura/turismo/vale-do-catimbau/>. Acesso em 20 jan. 2025

**Imagem 8:** Pintura rupestre mostra dança na Loca das Cinzas, no Vale do Catimbau.



Fonte: Fellipe Abreu. Disponível em: <https://www.360meridianos.com/especial/vale-do-catimbau-pinturas-rupestres>. Acesso em: 20 jan. 2025

Observa-se com isso que, entre os humanos “mais recentes” (considerando o tempo de formação da terra de aproximadamente 5 bilhões de anos), é a atitude de reflexão que determina a expressão do grafismo, diferentemente dos “mais antigos”, em que a função motora é a que determina a expressão nas técnicas e nas linguagens. Tal conclusão exprime um reflexo evolutivo na maneira do ser humano se comunicar, e estas artes gráficas, os grafismos, constituem um marco muito importante relacionado à linguagem, estando, tais formas iniciais da arte figurativa, por vezes muito mais próximas da escrita do que o que entendemos por uma obra de arte. Compondo assim, o que chamo de comunicação ancestral dos grafismos.

Estas manifestações não tinham o intuito de fazer uma representação fiel da realidade, mas sim, eram abstrações voltadas para práticas mágico-religiosas, segundo Guidon e Pessis (1992).

No entanto, independente dos motivos que conduziram a estas manifestações pioneiras em forma de grafismos, é certo que estes conjuntos de traços são repletos de significados, histórias e arte. Dessa forma, os grafismos se tornam importante objeto de estudo para diversas áreas do conhecimento, pois abrangem aspectos visuais, culturais, históricos e técnicos, sendo de extrema importância para o campo das artes visuais (foco de atuação do desenvolvimento deste trabalho), como também para a antropologia, arqueologia, sociologia, história, design gráfico, psicologia, outros.

Na pesquisa arqueológica, o estudo dos registros rupestres americanos, considerados de pouca importância até a década de 60, tornou-se uma das fontes de informações mais ricas, devido à quantidade e diversidade de suas manifestações gráficas. Essa transformação acompanhou o avanço das pesquisas em antropologia pré-histórica e as novas descobertas que mudaram o estado do conhecimento sobre o antigo povoamento das Américas (Guidon; Pessis, 1992).

## GRAFISMOS INDÍGENAS

Mais do que em qualquer outro contexto, neste no qual estou me debruçando, a arte é ferramenta de comunicação, e a partir disso emana-se a força, autenticidade e valor estético destas criações, segundo o que diz Vidal (1992). Não bastante, para muito além de algo que é usado com certa funcionalidade mais prática/técnica, a arte de criar grafismos, quando observamos mais especificamente nos grupos indígenas, vive em um universo muito mais amplo, o do ser sutil, conectado ao(s) espírito(s) da criação, sendo um ponto forte que envolve toda a existência, de cada ser, da comunidade, do ser com a comunidade, e vice-versa. É a representação de uma cosmologia, que antes mesmo de considerar em comunicar, já é por si só. Ao tomar o corpo, em forma de pinturas, acontece algo intenso de marcar. Estes traços, os grafismos, adornam o corpo numa forma de pertencimento, e aqui, a arte e o corpo compõem juntos a condição da existência dessa pessoa que está sendo grifada. Para os indígenas, a expressão artística através dos grafismos ganha essa conotação ainda mais importante, sendo uma forma de marcar valores, tradições, personalidades, hierarquias, rituais, datas específicas, conexão com a natureza, enfim, cosmovisões de cada cultura que as cria.

[...] o significado profundo dessa ornamentação do corpo, um idioma-código expresso graficamente, ainda fica para ser desvendado e entendido em seus próprios termos. Cabe ao etnólogo lê-lo e interpretá-lo no contexto sociocultural a que pertence (Vidal, 1992).

A citação anterior afirma que é de extrema importância respeitar os contextos étnicos sociais em que estão inseridas as imagens e compreender com essa individualidade de tradição, os sentidos que estão sendo ali expressos. É inegável que os grafismos indígenas indicam uma rica manifestação iconográfica, carregados de significados tanto quanto encanto estético. Porém, a falta de atenção quanto a forma de observar cada imagem, pode cometer sérios equívocos, além de desrespeito à determinada cultura. Num contexto geral, quando abordamos o cenário dos povos originários, observamos que estes grafismos podem ser aplicados em diversos suportes, como pedras, objetos do cotidiano, e pinturas corporais. Nestas produções artísticas, materiais e ferramentas naturais diversas são utilizadas para criar as imagens, como por exemplo pigmentos extraídos de plantas e sementes, sangue de animais, argilas, pontas secas, palhas, penas de aves, entre outros, a serem desenvolvidos mais especificamente à continuidade deste trabalho.

Podemos citar algumas características em comum entre os grafismos indígenas, mesmo que em diferentes povos, que são justamente o uso de formas geométricas, como linhas, espirais, zigue-zagues e traços simétricos. Quanto à referência da inspiração a partir de onde criam, podemos citar como fator comum, também, formas de representação da natureza como animais, rios, plantas, elementos espirituais. Ressalto mais uma vez que, mais detalhes gráficos que

compõem as imagens, devem ser entendidos a partir de seus determinados contextos.

Sobre isso que chamo de “detalhes”, podemos melhor traduzir como sendo os motivos e tipos das figuras, termos a serem desenvolvidos individualmente mais à frente deste trabalho, porém, adianta-se que, no geral, são o conteúdo que motiva o que está sendo escrito iconograficamente, e sua forma de produção e técnica gráfica, respectivamente.

Observando-se esse tipo de produção de uma perspectiva exclusivamente nacional, podemos afirmar que é interessante poder reconstruir o perfil cultural de grupos humanos que viviam na região que hoje se conhece por Brasil, em distintos momentos, desde há 500 séculos, até a chegada dos colonizadores europeus, conforme afirmam Guidon e Pessis (1992).

Como dito anteriormente, a produção das artes gráficas em determinados grupos indígenas, assumem sentidos específicos, a serem observados em seus respectivos espaços e tempos de origem.

No final do mês de dezembro de 2024, tive a oportunidade de estar em uma vivência com um grupo indígena, do qual a etnia não consigo afirmar, especificamente com a pessoa de Caio, um jovem adulto indígena desta mesma etnia, que estava expondo seus trabalhos de artesanato e realizando pinturas corporais juntamente com outras pessoas, durante um festival cultural na praia de Pratigi, município de Ituberá, litoral sul da Bahia. Neste rico momento de trocas e muito aprendizado, pude receber uma pintura de grafismo na minha mão esquerda, feita com tinta de jenipapo, o pigmento mais tradicional utilizado por indígenas nas suas artes, e um estilete de palha como pincel, feita por Caio. Perguntei, enquanto ele gravava a imagem na minha mão, sobre a tinta que estava sendo utilizada, ele me explicou que era o jenipapo, que colhia a fruta ainda verde, ralava, e do bagaço junto com o líquido extraído, servia para produzir o pigmento, de cor quase preta. Enquanto ele me pintava, estávamos conversando justamente sobre o fato de produzir estes grafismos e os signos que eles carregam. Poder receber atentamente aquelas informações, com muito respeito e carinho, foram algo de muito valor para mim, e poder aplicá-los na presente construção é algo do qual eu sou muito grata. Eis a seguir, algumas das palavras que pude ouvir dele:

[...] e porque quando os portugueses chegaram, usava a pintura meio que para se esconder na mata, uma proteção espiritual do índio. Entendeu? Porque como a tinta acaba “ficando” preto, quando você tá dentro da mata, a pessoa não te acha, assim, você se camufla totalmente com a mata. Entendeu? Também é uma proteção espiritual que serve para tirar, é... não deixar mau olhado chegar perto, energia ruim, é sobre isso. É quase a mesma coisa do rapé. [...] Tem pintura que simboliza o casamento, quando a pessoa tá “solteiro” também. E também é uma armadura, por isso que o povo fala que é armadura indígena, é uma armadura mesmo. E para ir à guerra também, muitos faziam pintura e tal. [...] Muitas pessoas também “faz” a nossa pintura assim, para quando ir para a sociedade, eles “pegar” e fazer por cima, uma tatuagem mesmo. [...] Eu sou mais da pintura mesmo, meu foco é a pintura [...] (Caio, 2025, s/p).

**Imagem 9:** Grafismo feito com tinta de jenipapo.



Fonte: Acervo pessoal da autora. Pratiği, dezembro de 2024.

Imagem 10: Mulher Xikrin pintando homem Xikrin com tinta de Urucum.

## KAYAPÓ-XIKRIN

A photograph capturing a traditional practice where a woman is applying red urucum body paint to a man's face. The scene is set under a thatched roof made of woven palm fronds. The woman, on the right, is focused on her work, using a small brush or stick to apply the red pigment. The man, on the left, has his eyes closed and a serene expression. He is wearing a yellow beaded bracelet on his right wrist. The background shows other people in traditional attire, suggesting a communal or ceremonial gathering.

Fonte: Prefeitura de Parauapebas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WbSBWIIIQyc> . Acesso em: 20 mar. 2025

Antes de abordar sobre as produções artísticas dos grafismos e as pinturas corporais, precisamos entender sobre quem estamos falando e o contexto histórico social. O povo Xikrin é derivado da etnia Kayapó, sendo então os Kayapó-Xikrin, ou Mebengokre-Xikrin, e estão localizados ao sudeste do Pará. Mebengokre também é uma autodenominação de todos os grupos Kayapó, e significa “gente de buraco d’água” ou “gente de água grande”. Isso refere-se aos rios Tocantins e Araguaia, que durante a travessia deles, o grupo ancestral foi se separando, acredita-se que no começo do século XVIII. Os Xikrin falam a língua Kayapó, ou Mebengokre, da família linguística Jê, do tronco linguístico Macro-Jê, e reconhecem os aspectos de semelhanças e diferenças em relação às línguas de outros povos. Os Kayapó, em cada grupo, possui uma denominação própria, a partir de sua localização ou líder. Após a cisão do grande coletivo, houveram migrações de subgrupos para locais distintos. Os Pore-Kru faziam parte de um destes subgrupos Kayapó, e é considerado o grupo ancestral dos atuais Xikrin. Porém, ainda assim, os Xikrin se distinguiram em mais subgrupos, a partir de atos de deslocamento também, por motivos diversos como processos de mobilidade social e espacial. Um grupo Xikrin migrou em direção ao rio Cateté e o outro em direção ao rio Bacajá. Os Xikrins do Cateté são banhados pelos rios Itacaiúnas e Cateté, se situam em terras firmes e de mata tropical. Estão no município de Parauapebas por jurisdição, porém, têm mais proximidade ao núcleo urbano de Carajás. Já os Xikrin do Bacajá, vivem à margem esquerda do rio Bacajá, afluente da margem direita do Xingu, município de José Porfírio.

O espaço social de cada Xikrin se constitui na sua aldeia, de praça central, com um círculo de casas ao redor e a mata circundante, com pequenas roças. Em sua cosmologia, o centro do mundo é o centro circular da aldeia, onde desenvolvem-se os rituais e a vida pública no geral.

**Imagem 11:** Aldeia Xikrin do Cateté.



Fonte: Fortalecimento Institucional do Povo Xikrin do Cateté. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TshPe2DXOBk>. Acesso em: 12 mar. 2025.

A terra indígena (T.I) onde vivem os Xikrin, têm incidência nos municípios de Água Azul do Norte, Marabá e Parauapebas, sendo o percentual de T.I presente em cada um deles, em relação à dimensão total (ha), respectivamente: 35,91%, 3,30% e 60,61%. Dados demográficos mostram que nas últimas décadas, os Xikrin têm tido crescimento populacional constante. Uma pesquisa realizada pelo IBGE em 2022, afirma que a população presente na T.I Xikrin neste mesmo ano era de 1737 pessoas, em comparação com o ano de 1996, que contavam com 555 pessoas, segundo a pesquisa do Giannini. É importante frisar também que esse povo e seu território, que faz parte da Amazônia legal, está em risco e sofre constantes ameaças das exploração de recursos naturais através dos garimpeiros, e que isso, além de prejudicar os modos de vida e ecossistemas dessa população, vem contribuindo para agravar o mapa do desmatamento e de focos de calor, contribuindo para a crise climática. Os indígenas, por outro lado, foram se organizando em coletivos próprios de cada aldeia, para gerir projetos e atuar na defesa de seus direitos.

Algo muito relevante de se abordar aqui é a maneira como fazem uso dos recursos naturais, conservação da diversidade biológica e ecológica (ecossistemas, fauna e flora), de relevância para a perpetuação social dos conhecimentos simbólicos e da utilização pragmática do meio ambiente. Em relação às práticas culturais, as atividades realizadas são, em sua maioria, organizadas por categorias de gênero, idade e aptidões. As atividades e propostas políticas, caça de animais, confecção de adornos corporais, instrumentos musicais, ferramentas de caça e uso diário, e outras, são destinadas mais para os homens. As mulheres atuam,

principalmente, na função das pinturas corporais, cuidados domésticos, cuidados com a roça, e outros. Um fato curioso é que a mulher nasce, vive e morre em uma mesma casa, sendo o marido quem se muda para a casa dela quando casam. Estes indígenas mantêm viva a cultura cerimonial, de celebrar momentos importantes na vida pessoal, em sociedade, e de ciclos da natureza.

Durante os rituais, os indivíduos tomam noção da vida relacional, parentesco, amizade formal, canto, coreografia e outros. Alguns dos momentos de celebração mais importantes são a nominação masculina e feminina, casamentos, funerais, festas de incorporação de novos membros. Para cada momento específico desse, os Xikrin adornam seus corpos e fazem suas pinturas de grafismos, cada pessoa recebe suas respectivas pinturas de acordo com o significado que vai estar sendo expresso naquele momento.

## **PRODUÇÃO DE ARTES GRÁFICAS E PINTURA CORPORAL**

Povos originários pintam, grafam na pele, mensagens e códigos visuais de forma artística, através da extração e produção de recursos da natureza, com fim de criar, com muito propósito, algo não somente ético como estético. Indígena e arte são de origem comum e indissociável, como diz Esbell (2018). Quando falamos em produção de grafismos e pinturas corporais, nas sociedades indígenas brasileiras, os Kayapó-Xikrin têm muito destaque por sustentarem essa tradição ancestral, de extrema relevância cultural e social, compondo-se de técnicas e metodologias bem desenvolvidas. Partindo deste destaque em que se coloca os Xikrin, no contexto da produção de grafismos e pinturas corporais, se desenvolve o objeto de observação deste trabalho.

A pintura corporal dos Kayapó setentrionais, grupo do tronco lingüístico Jê que ocupa uma vasta área do sudeste do Pará, entre os rios Xingu e Tocantins, não constitui novidade para o grande público. Por intermédio de numerosas publicações e especialmente de fotografias veiculadas pelos meios de comunicação de massa, a arte gráfica desses índios é possivelmente a mais conhecida entre nós (Vidal, 1992).

**Imagem 12:** Mulher Xikrin pintando outra mulher Xikrin com grafismo e tinta de jenipapo.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.html>. Acesso em: 12 de mar. 2025.

Em cada contexto social, como já citado anteriormente neste trabalho, se analisa com muito respeito cada idioma-código expresso graficamente. Os grafismos, quase que em sua completude, transmitem seu sentido adequando através do conhecimento sobre quem os cria, a serem desvendados em seus próprios termos e contextos socioculturais. Para os Xikrin, os adornos corporais em forma de pintura, constituem uma verdadeira “pele social” em relação à “pele biológica”, e expressam de maneira formal, sistemática e gramatical a cosmologia e estrutura social, dos princípios subjacentes aos domínios das manifestações biológicas e das relações com a natureza, conforme diz Vidal (1992).

Em nível do sensível, do visual, esse meio de classificação e de comunicação, que ao mesmo tempo aproxima e diferencia domínios culturais, categorias de pessoas e eventos, se apresenta por meio de um sistema de representações gráficas extremamente elaborado e muito valorizado pelos próprios índios: um recurso para a reafirmação constante de uma idéia e de um ideal (Vidal, 1992).

Sendo um campo de ampla atuação em diversas áreas do conhecimento, focaremos aqui em fazer uma análise mais do ponto de vista artístico e criativo, admirando o uso dos recursos naturais, metodologias das técnicas, pedagogicidade e sucessão cultural, e com foco no grupo dos Xikrin do Cateté. Para estes indígenas, além da função social, estar adornado com pinturas de grafismos significa a maneira correta (*kumrem*) e estética (*mei*) de se apresentar, fazendo uma relação direta entre ética e estética.

Entre os Kaypó-Xikrin, a pintura é tarefa exclusiva das mulheres, que reproduzem este hábito tanto quanto qualquer outra atividade básica como cozinhar, por exemplo. Todas elas pintam, portanto a qualidade de pintora é considerada um atributo inerente à natureza feminina. As mulheres Xikrin se pintam mutuamente em sessões coletivas, pelo menos uma vez na semana. Para produzir os grafismos com a exímia qualidade em que se apresentam, dotados de perfeição de técnica e prazer estético, é necessário muito tempo de prática e domínio das ferramentas e dos traços. Como a propriedade de pintar os grafismos é atribuída às mulheres e não aos homens, elas pintam seus maridos, filhos, pais, irmãos e tios, quando viúvos, e amigos formais. De maneira bastante pedagógica e cultural, a tradição é passada adiante com muita maestria por elas para suas filhas, que se tornaram pintoras naturalmente também. As mães Xikrin passam horas pintando seus filhos e esse corpo se torna um verdadeiro laboratório para a jovem mãe aprender, ou a mãe experiente poder aprimorar suas técnicas de pintura.

**Imagem 13:** Mãe Xikrin pintando a filha com tinta de jenipapo.



Fonte: Guardiões da floresta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjoU2up2Ug>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 14:** Homem Xikrin pintado com pintura corporal de jenipapo.



Fonte: APiB Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIHi0fVnSBk>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 15:** Sessão de pintura coletiva das mulheres Xikrin.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.htm>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Pintar o bebê recém nascido significa o início da socialização desse ser com o povo de sua aldeia, assim que cai o cordão umbilical, é atribuído a esse jovem ser uma pintura facial de jenipapo. A pintura corporal aqui assume um atributo na condição de natureza humana. Exemplo disso é o mito da mulher estrela, que fala de uma heroína cultural que dá origem às plantas cultivadas, e que a sua transformação de estrela em forma humana se dá por meio da pintura e ornamentação corporal, como diz Vidal (1992). Refletindo sobre a prática das pinturas corporais serem atribuídas às mulheres, e sendo exercício praticamente exclusivo delas entre o povo, juntamente com a incorporação desse mito na sociedade Xikrin, fica uma ideia sobre: seriam todas elas mulheres estrelas? Ao meu ver sim. Acredito que, já sendo inato da condição feminina criar, gerar a vida, ao atribuir a pintura como sendo a forma de canalização e portal através do qual essa força criadora se manifesta, as mulheres que são pintoras, ou seja, todas elas, se tornam as estrelas da mesma forma em que no mito a mulher estrela se deu forma a vida humana através de pintar seu corpo. É como se elas gerissem a si mesmas enquanto se pintam, ou dão a vida a pintura feita em outra pessoa.

O nome Nhiopokti [...] e significa a mulher estrela, a mãe provedora: uma mulher da floresta, que encantou e foi aprisionada pelo guerreiro Xikrin. A mãe do guerreiro resolveu transformá-la em uma mulher Xikrin, cortando seus cabelos, passando óleo e pintando seu corpo.

Nhiopokti casou-se com o guerreiro e vendo a comunidade com fome, resolveu fugir para buscar no céu sementes e raízes para plantar.

O guerreiro chorou por muito tempo, até que um dia, Nhiopokti voltou para a aldeia, trazendo alimento e vida para a comunidade Xikrin (Projeto Nhiopokti, 2008).

Por utilizarem uma mão para aplicar a tinta no corpo que será a sua tela, e a outra como apoio para segurar, às mulheres Xikrin se apresentam sempre com uma “mão-paleta”, pintada com a tinta de jenipapo, e a outra mão de cor normal. Carregando assim, em seu corpo, a marca da sua condição de pintora. Aos homens, é atribuída apenas a condição de aplicar a pintura com o urucum, sendo feito apenas um traço (faixa) ou preenchimento de alguma parte do corpo com tal pigmento avermelhado.

**Imagem 16:** Mulher Xikrin com pintura facial de grafismo e mão-paleta.



Fonte: APIB Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIHi0fVnSBk> . Acesso em: 12 mar. 2025.

## MOTIVOS E TIPOS

As causas que levam à produção das pinturas são diversas. Como já dito anteriormente, para cada manifestação artística se deve ter o cuidado de observar no contexto ao qual ela pertence, sendo um fator diferencial no entendimento destas imagens e símbolos. Os Xikrin do Cateté possuem um rico acervo iconográfico dos diferentes grafismos que produzem. O padrão do desenho é a estampa como um todo, e ela é composta pelo que chamamos de motivos e tipos, relacionados, respectivamente, ao conteúdo iconográfico e a forma de representação.

Os motivos são referentes aos temas ou símbolos que estão sendo expressos nas pinturas. Tem ligação com elementos naturais, culturais e espirituais que se retratam nos grafismos. Eles podem ser figurativos ou abstratos, variando em cada contexto, ao qual se deve analisar individualmente. Por exemplo, como elementos da natureza, podem representar animais, rios, plantas. Como elementos espirituais, podem representar símbolos de rituais, forças de proteção. Ou seja, em resumo, o motivo se trata do conteúdo simbólico ao qual será destinado a produção do grafismo na pintura corporal.

Já os tipos, referem-se a forma, o estilo, em que será representado o determinado motivo. Se trata da estrutura e técnica a ser utilizada para produzir o conteúdo simbólico (motivo), como a composição do grafismo será feita. O modo de organização visual da pintura é determinado pelos tipos a serem utilizados. Por exemplo, os padrões geométricos podem ser linhas, zigue-zagues, espirais, círculos. A representação das formas orgânicas podem ser através da estilização de animais e plantas. Quanto ao estilo da pintura pode ser feita com tinta natural, utilizando-se de diferentes técnicas e cores, utilizando pincéis ou as mãos. Assim, podemos concluir que os tipos são padrões ou formas visuais utilizados para representar os motivos.

Entender ambos os conceitos é de extrema importância quando tratamos de estudar sobre os grafismos indígenas nas pinturas corporais.

Os Xikrin possuem uma ampla variedade de motivos e tipos que compõem a produção de grafismos em pinturas corporais, em seu acervo sociocultural, sendo cada um deles utilizados em momentos específicos, determinados em categorias de faixa etária, gênero e rituais. Existem motivos próprios para a face e para o corpo, para crianças e para adultos, para homens e mulheres, e outros. Para os adultos, por exemplo, o número de estampas e motivos é menor e o padrão é mais rígido, os momentos de aplicação seguem regras ligadas a outras esferas da organização social, como comprova Vidal (1992). Diante desta vastidão iconográfica, não se é possível fazer uma contemplação total de cada estampa, motivos e tipos, utilizados em cada momento específico.

## MATERIAIS E PRODUÇÃO

**Imagem 17:** Mulher Xikrin fazendo pintura facial de grafismo em outra mulher Xikrin.



Fonte: WWF-Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjoU2up2Ug>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Os indígenas, no desenvolvimento dos grafismos em suas pinturas corporais, detêm de uma série de recursos e técnicas. Diversos materiais naturais são utilizados, com maestria, como ferramentas para produzir os pigmentos para as tintas, e como suporte, que vai ser o que pode representar o pincel. Dentre estes, os mais utilizados para produzir os pigmentos naturais, são as frutas do jenipapo e urucum. Também podem ser explorados para este fim, o carvão, casca de ovo, argilas, folhas, e outros. No que diz respeito à função similar a do pincel, que servirá como veículo e suporte da tinta para superfície que cumpre o papel da tela, temos os conhecidos estiletes de nervura de palha, “pentas” de madeira, os dedos e a mão, e mais. O modo como os Xikrin exploram o que é fornecido pela natureza, para criar composições tão expressivas quanto os grafismos na pintura corporal, tanto de beleza estética quanto de significado, é algo de ser dado o devido valor e importância.

Daremos destaque aqui aos dois tipos de pigmentos naturais mais utilizados pelos Kayapó-Xikrin, os extraídos das frutas do jenipapo, do urucum, e alguns modos de aplicação dessas tinturas na pele.

**Imagem 18:** Fruta jenipapo.



Fonte: Vitat. Disponível em: <https://vitat.com.br/jenipapo/>. Acesso em: 20 mar. 2025.

O jenipapo, que em tupi-guarani significa “fruta que dá tinta”, é uma fruta que pode ser considerada a mais utilizada pelos povos indígenas no Brasil para a produção de pinturas, sendo dotada de um pigmento forte e duradouro. Pertencente ao clima tropical, e de aspecto grande e arredondado, ele é também comumente aproveitado para produzir licores, doces e bebidas. Pode-se extrair dessa fruta duas colorações, um corante azul e uma tinta preta. O processo da produção da tinta não é tão simples, podendo variar o método a depender de quem a produz, porém, no geral, o fazer dá-se por algumas etapas sequenciais:

1) Coletar a fruta na floresta, que quando está amadurecendo vai soltando um líquido escuro.

2) Preparar, abrindo a fruta, e removendo a polpa interna que é responsável por liberar o líquido de cor preta.

3) Extrair o líquido que é obtido em maior concentração ao espremer, ralar a polpa, ou deixá-la fermentar.

4) Filtrar e/ou purificar, para remover impurezas, se desejado. Nesta etapa também pode ser adicionado outro composto que vá reagir junto com o pigmento para garantir mais firmeza e durabilidade.

5) Secar e/ou armazenar, é a etapa em que o pigmento já está pronto para ser utilizado, mas pode passar por um processo de secagem para ficar mais sólido e concentrado, e também pode ser armazenado.

6) Pintar, constitui a etapa final do processo, podendo a tinta ser utilizada em diversos suportes, como nas pinturas corporais com a produção de artes gráficas, e objetos do cotidiano.

A tinta do jenipapo tem uma boa durabilidade, se mantendo na pele pintada por cerca de 7 à 15 dias, a depender do processo de produção do pigmento e produção da pintura.

**Imagem 19:** Fruta jenipapo.



Fonte: Comper. Disponível em: <https://www.comper.com.br/muda-jenipapo---genipa-americana/p> . Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 20:** Mulher Xikrin pintando homem Xikrin com tinta de jenipapo.



Fonte: WWF-Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjoU2up2Ug>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 21:** Mulher Xikrin pintando perna de homem Xikrin com tinta de jenipapo.



Fonte: AmazonWatch. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EX28Z-6TAYI&rc=1>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Um processo que é interessante destacar nesse contexto, é a produção de um pigmento obtido a partir da mistura do jenipapo, com carvão e saliva, como podemos observar a seguir:

- 1) As cascas de tronco de árvore que servirão para produzir o carvão.

**Imagem 22:** Casca de árvore para fazer carvão.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.html> . Acesso em: 12 mar. 2025.

- 2) Frutas de jenipapo, colocadas junto com os carvões assando

**Imagem 23:** Fruta de jenipapo junto com carvão, casca de árvore, e fogueira.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.html>. Acesso em: 12 mar. 2025.

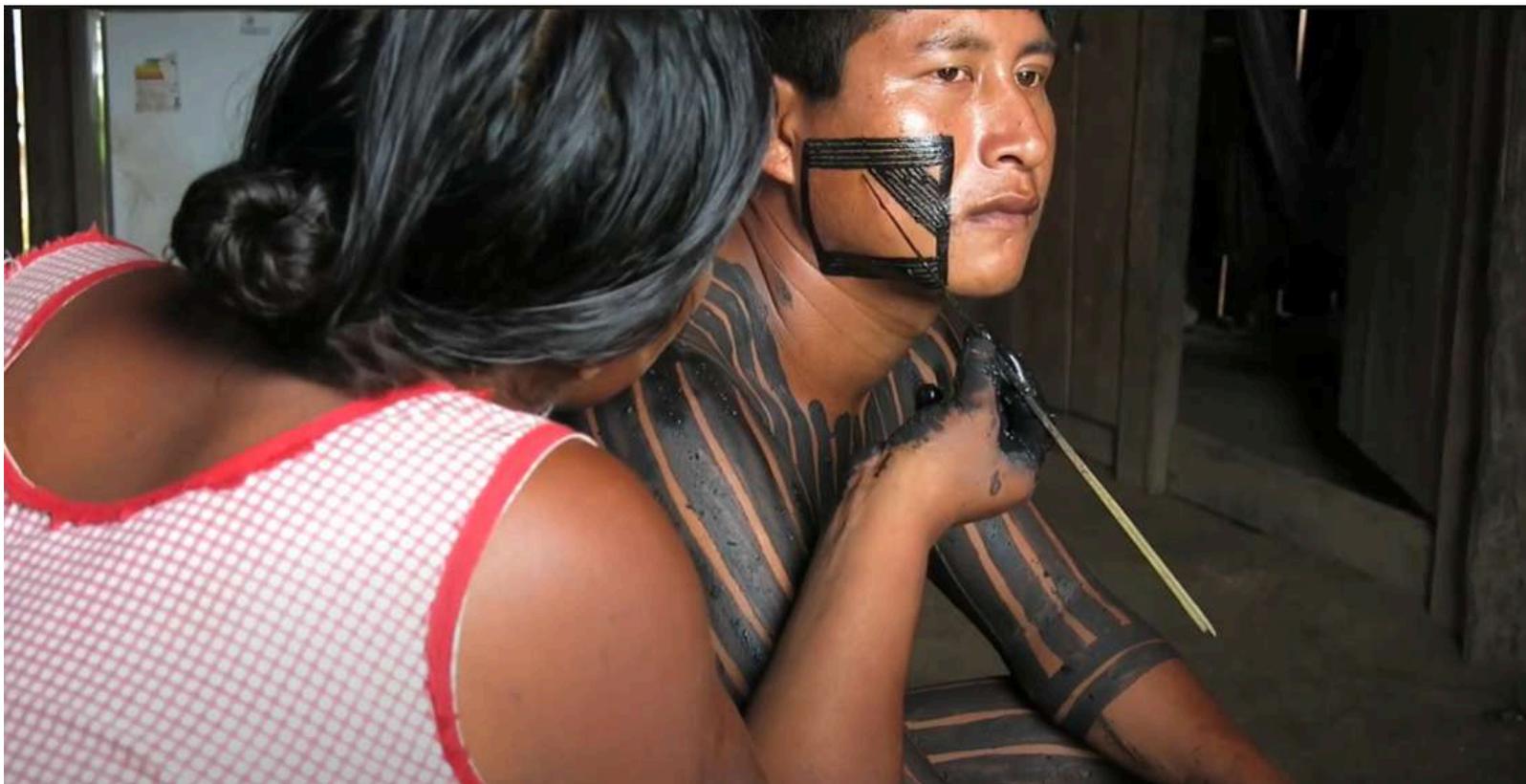
- 3) Resultado do pigmento obtido a partir da mistura do líquido extraído do jenipapo junto com o carvão macerado e saliva.

**Imagem 24:** Resultado da mistura de carvão, pigmento de jenipapo, e saliva.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.html> . Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 25:** Mulher Xikrin pintando homem Xikrin com tinta de jenipapo.



Fonte: Come-se Blogspot. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EX28Z-6TAYI&rco=1>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 26:** Mulher Xikrin pintando homem Xikrin com tinta de jenipapo.



Fonte: AmazonWatch. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EX28Z-6TAYI&rco=1>. Acesso em: 12 mar. 2025.

**Imagem 27:** Fruta do urucum aberta mostrando as sementes



Fonte: Ricardo Cardim. Disponível em: <https://www.saborbrasil.it/pt-br/urucum/> . Acesso em: 20 mar. 2025.

O urucum é uma planta arbustiva, seus frutos, denominados de cápsulas ou cachopas, antes da maturação, e, um único fruto do urucum, quando bem desenvolvido, produz em média 50 sementes, a depender do local e condições de cultivo. São nas sementes que se tem a matéria prima para a produção de corantes e tintas, utilizados para diversas finalidades, como por exemplo no setor alimentício, cosméticos, e no objeto de estudo do presente trabalho, para produzir os pigmentos a serem utilizados como tinta nas pinturas corporais indígenas.

**Imagem 28:** Mulheres Xikrin ornamentadas com pinturas faciais e corporais.



Fonte: Apib Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIHi0fVnSBk>. Acesso em: 20 jan. 2025.

O processo de extração e produção do pigmento do fruto do urucum varia de acordo com quem produz e o contexto. De maneira geral, podemos abordar o passo a passo da seguinte maneira:

- 1) Coletar as sementes, que acontece quando a cápsula que as contém estão maduras o suficiente, o sinal para isso é quando as cápsulas passam de cor verde para um marrom avermelhado.
- 2) Retirar as sementes da cápsula, que é aberta manualmente de maneira fácil. É na camada externa da semente que está o corante de cor vermelho-alaranjado.
- 3) Lavar as sementes, para retirar possíveis impurezas e elementos indesejados no corante.
- 4) Extrair o corante, que se dá pelo processo de maceração das sementes, que envolve amassar esses grãos junto com água morna ou quente, sendo assim, o corante é liberado no líquido.
- 5) Filtrar o líquido obtido após a maceração, para remover resíduos sólidos, resultando num pigmento mais homogêneo.
- 6) Concentrar e usar é a etapa final. Com o líquido do corante obtido, se pode expor ele ao processo de evaporação, para garantir um pigmento mais concentrado.

Imagem 29: Tinta de urucum



Fonte: Acervo pessoal da autora, 2023.

Entre os Kayapó-Xikrin, a tinta de urucum é a segunda mais utilizada, depois do jenipapo. Os motivos e tipos utilizados para a aplicação dessa tinta são os mais simples, compostos por listras únicas mais grossas da tinta, ou preenchimento em bloco de algumas regiões e membros do corpo. No geral, são os homens que utilizam mais tal pigmento do que as mulheres.

**Imagem 30:** T.I Xikrin à direita com preservação ambiental e área de garimpo desmatada à esquerda.



Fonte: WWF-Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjoU2up2Ug>. Acesso em: 12 mar. 2025.

Tendo como referência a imagem acima, que mostra a diferença de preservação da natureza na Terra Indígena dos Xikrin, em comparação com uma área privada de garimpo com qual faz limite, abordamos um outro ponto importante de observar, no que diz respeito às produções das pinturas corporais e grafismos produzidos por indígenas Kayapo-Xikrin, como também por outros grupos, é a perspectiva da integração social com os ecossistemas da natureza, como são explorados os recursos disponíveis nas florestas que circundam as aldeias, e a

maneira inata do ser humano se expressar através da arte e da pintura. Incentivar meios de criar e produzir arte de forma mais sustentável, é algo a ser considerado com relevância, tendo como modelo exemplar os modos de produção dos grafismos produzidos por indígenas em suas pinturas corporais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, para o desenvolvimento deste trabalho, foi necessário fornecer um olhar atento e respeitoso às diversidades étnico-culturais encontradas neste Brasil plural. Importar-se em estudar os grafismos, grafismos indígenas e as pinturas corporais dos Kayapó-Xikrin, ainda que, muito brevemente, comparado ao rico e nunca exaustivo acervo de conhecimentos que compõem estes determinados temas, é para mim motivo de imensa admiração e honra, é algo que me faz desenvolver com propósito o caminho que vem sendo trilhado por mim no campo das artes visuais.

Ainda que, eu acredite que o âmbito acadêmico carece de currículos que abordem a temática das produções artísticas de povos originários, e quando presente, sendo não apenas como fator histórico de forma museológica, mas sim na forma de criações atuais e presentes, pude encontrar, durante minha pesquisa, valiosas obras e ensinamentos de autoras e autores que compartilham algo muito em comum comigo, que valorizam, de forma admirável, o olhar atento às pinturas corporais e grafismos, como existência pulsante da arte e forma de expressão e comunicação do ser humano.

Estudar sobre os Kayapó-Xikrin, como dito no início deste trabalho, se deu de uma boa maneira, por, dentre os grupos de povos originários do Brasil, estes serem os indígenas que talvez abarcam o maior número de pesquisas realizadas. Conhecer sobre a história desse povo, sua ligação com a arte e manifestação da vida através dela, o processos de extração e produção dos pigmentos e das pinturas, que se dão através de um magnífico domínio de elementos da natureza, desenvolver sobre os motivos e tipos, tudo isso incluso em uma óptica de sustentabilidade de ecossistemas, com certeza é algo de muito valor.

Defender este trabalho significa também ampliar e contribuir com os conhecimentos sobre arte indígena no curso de licenciatura em artes visuais. Sabendo que o Brasil é um país primeiramente habitado por indígenas, sendo por tanto nossa origem, e a arte como componente humano e social, estudar sobre as produções artísticas dos povos originários é de bastante relevância para um entendimento sobre os sentidos que compõem a construção da nossa nação e sua diversidade étnicocultural. Com isso, geramos uma melhor presença no espaço e no tempo em que habitamos. Focando na produção artística, o rico acervo iconográfico das sociedades indígenas que vivem no Brasil é realmente impressionante, de fazer se encantar com a força criadora e criativa da vida, em seus tão diversos códigos, ao mesmo tempo tão simples e complexos. E aqui me refiro de forma similar as produções contemporâneas e as mais antigas. Existe um costume de falar em arte indígena com uma conotação histórica, como se fosse algo ligado a tempos antigos, porém, faz-se necessário abrir os olhos para o que existe, persiste e resiste no presente, que continua se criando a partir da fonte interminável. Os Kayapó-Xikrin representam bem nesse sentido, já que continuam mantendo viva, forte e pulsante a

sua cultura ancestral milenar de pintar na pele os grafismos, preservando os sentidos que eles carregam naquele contexto.

Poder trazer como trabalho de conclusão de curso um assunto que envolve arte visual, pintura, ancestralidade, natureza e ecossistemas, território, pertencimento, e tantos outros temas presentes nessa pesquisa, que considero importantes para uma boa formação integral do ser humano, é uma potencialidade para mim. Abrir espaço para defender uma construção de valor em múltiplas áreas, partindo de dois eixos principais, artes visuais e povos originários, é algo que me dá o propósito e a esperança em seguir ampliando esses caminhos para a vida e também no âmbito acadêmico. Escolher uma proposta de temática, desde quando estava cursando a disciplina de projeto de pesquisa, era ao mesmo tempo desafiador, diante de infinitas possibilidades a serem consideradas para trabalhar, e vantajoso, pois foi possível desenvolver algo que para mim sempre foi um caminho de estudo e admiração, visando um bem comum.

No que toca o aspecto da relação entre artes visuais e meio ambiente, como já ressaltado neste trabalho, enaltecer as formas de produção artística sustentáveis e ecológicas é de muita importância, visando uma maior coerência e harmonia entre as formas de vida em sociedade e a utilização dos recursos naturais, também das matérias primas utilizadas para produzir pinturas, no presente exemplo dessa pesquisa.

Fica para mim um potencial de seguir buscando os conhecimentos sobre as temáticas abordadas, com um olhar e coração mais maduros sobre o ponto de onde inicia o pulso do meu interesse, o desenvolvimento dos saberes, e para onde está indo seu rumo em relação com o mundo.

## REFERÊNCIAS

AMAZONWATCH. Vozes do Xingu – Xikrin-Kayapó. [S. l.: s. n.], 7 jan. 2014. 1 vídeo (8:04 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EX28Z-6TAYI&rco=1>. Acesso em: 12 mar. 2025.

APIBOFICIAL. Os Xikrin do Cateté e as ameaças da Vale: cumplicidade na destruição IV. Em parceria com o coletivo Mídia Índia, Apib e Amazon Watch. [S. l.: s. n.], 17 fev. 2022. 1 vídeo (5:34 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WIHiOfVnSBk>. Acesso em: 16 mar. 2025.

ARAÚJO, Cleber. Pintura Kayapó. [S. l.: s. n.], 11 jun. 2017. 1 vídeo (4:51 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heX8lvyqWrk>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Caio. Conversa no Universo Paralelo. Entrevistador: Maria Cecilia Guerra Cal. Praia de Pratigi, dez. 2025. Entrevista oral gravada em formato de vídeo.

DE CÁSSIA, Rita. Pintura corporal e ornamentação entre os Xikrin do Cateté. In: Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai. Etnolinguística. ATAS, 2022. Disponível em: [https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adomingues-2002-pintura/Domingues\\_2002\\_PinturaCorporalEOrnamXikrinCatete.pdf](https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Adomingues-2002-pintura/Domingues_2002_PinturaCorporalEOrnamXikrinCatete.pdf). Acesso em: 12 fev. 2025.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Terra indígena Xikrin do Cateté. In: INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Terras indígenas no Brasil*. Instituto Socioambiental, 2025. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3646>. Acesso em: 20 mar. 2025.

LUMEN INCUBADORA. Fortalecimento institucional do Povo Xikrin do Cateté. [S. l.: s. n.], 9 maio 2022. 1 vídeo (15:15 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TshPe2DXOBk>. Acesso em: 16 mar. 2025.

NHOPOKTI. Projeto. In: *Acervo Instituto Socioambiental*. Acervo Socioambiental. Instituto Socioambiental, 2008. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/sites/default/files/documents/XCD00121.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PAGANO, Luiz. Xikrin. In: *Povos indígenas brasileiros*. Indígenas Brasileiros. Blogspot Indígenas Brasileiros, 2016. Disponível em: <https://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/02/toy-art-da-etnia-xicrin-nomes-outros.html>. Acesso em: 10 jan. 2025.

PREFEITURA DE PARAUAPEBAS. Festa dos Povos indígenas Mëbêngôkré Xikrin honra o Cacique Botie Xikrin. [S. l.: s. n.], 20 nov. 2023. 1 vídeo (1 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WbSBWtllQvc>. Acesso em: 12 mar. 2025.

PRADO, Alcidean. O mito e a veste entre os índios Xikrin. 2014. 11 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, jul. 2014.

RIGO, Neide. Índios Kayapó, a pintura de jenipapo. In: RIGO, Neide. *Come-se Blogspot*. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://come-se.blogspot.com/2019/12/indios-kayapo-pintura-de-jenipapo.html>. Acesso em: 15 dez. 2025.

VIDAL, Isabelle. Mebêngôkre Xikrin. In: *Povos indígenas no Brasil*. PIB Socioambiental. PIB Socioambiental e Povos Indígenas no Brasil, maio 2001. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kayap%C3%B3\\_Xikrin](https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kayap%C3%B3_Xikrin). Acesso em: 20 dez. 2024.

VIDAL, Lux. A pintura corporal e a arte gráfica. In: *Povos indígenas no Brasil*. PIB Socioambiental. PIB Socioambiental e Povos Indígenas no Brasil, 1 jan. 2008. Disponível em: [https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB\\_verbetes/xirkin/A\\_pintura\\_corporal\\_xikrin.pdf](https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/xirkin/A_pintura_corporal_xikrin.pdf). Acesso em: 15 dez. 2024.

VIDAL, Lux. Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira: os Kayapó-Xikrin do rio Cateté. São Paulo: HUCITEC; Ed. da Universidade de São Paulo, 1977. 268 p.

VIDAL, Lux et al. *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; USP; Fapesp, 1992. 294 p.

WESTWING. Grafismo: conheça história e aplicação na arte e no design. In: *Westwing*. Disponível em: <https://www.westwing.com.br/guiar/grafismo/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20grafismo%20e,por%20meio%20da%20linguagem%20visual>. Acesso em: 10 jan. 2025.

WWF-BRASIL. Guardiões da floresta. Vídeo produzido pelo Coletivo Betume de Cineastas Mebêngôkrê. [S. l.: s. n.], 4 abr. 2022. 1 vídeo (6:02 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wnjoU2up2Ug>. Acesso em: 10 mar. 2025.